

Agostinho de Hipona

**Carta a Nebrídio
(Carta 3)**

Introdução e tradução: Paula Oliveira e Silva¹

Introdução

A Carta 3, escrita por Agostinho a Nebrídio, que aqui publicamos em tradução portuguesa, é a primeira de um conjunto de 14 cartas que se conservam da troca epistolar entre ambas as personagens, o Doutor da Graça e o aristocrata cartaginês.

Pela sua própria natureza, o género epistolar é sempre uma fonte profícua para o conhecimento quer de dados biográficos dos autores das cartas, quer do contexto histórico e social daqueles que as dão à letra. Este é também o caso para o abundante epistolário que se conserva de Agostinho de Hipona².

O dossier que compõe a correspondência trocada entre Nebrídio e Agostinho consiste, em grande parte, de cartas de resposta de Agostinho a questões filosóficas que o espírito inquieto deste seu grande amigo lhe coloca, conservando-se da parte deste a Agostinho um menor número de cartas, algumas delas escritas quase ao modo de pequenos bilhetes.

O interesse deste conjunto de cartas a vários títulos é relevante. Em primeiro lugar, trata-se de cartas trocadas nos primeiros anos da vida de Agostinho depois de convertido ao cristianismo, algumas escritas ainda

¹ Professora Auxiliar, Universidade do Porto: pvsilva@letras.p.pt.

² Para uma visão geral sobre a cronologia, estado da questão, organização temática e importância do epistolário de Agostinho veja-se R. ENO, *Epistulae / Letters*, in A. D. FITZGERALD (ed.), *Augustine through the Ages; An Encyclopedia*, Eerdmans Publishers, Cambridge 1999, pp. 298-310.

mesmo antes do seu batismo em Milão. É o caso da Carta 3, que aqui se publica, e que é redigida na Quinta do amigo comum, Verecundo. Deste modo, estas cartas contêm dados importantes acerca da cronologia da vida e obra de Agostinho, por um lado, e por outro, acerca das questões teóricas que debatia neste período, bem como do modelo de resposta que a elas antevia por então. Com efeito, o epistolário com Nebrídio pode situar-se entre os anos de Milão e Cassiciaco (387) e o regresso de Agostinho a África, nos primeiros anos de vida comunitária em Tagaste (390). Em segundo lugar, trata-se de cartas redigidas em tom familiar e reveladoras da profunda amizade que une Agostinho a Nebrídio. Explorar o itinerário desta relação de amizade onde dele há registo na obra de Agostinho permite acompanhar de perto momentos cruciais da trajetória que leva Agostinho à conversão intelectual e moral ao cristianismo, ao mesmo tempo evidencia o ambiente intelectual que o rodeava neste período, bem como o contexto de partilha e debate de ideias de que brota a sua adesão ao cristianismo. Por último, dado que o percurso intelectual de ambos, Agostinho e Nebrídio, se revela nesta troca epistolar ainda em construção, no que à compreensão racional do cristianismo se refere; dado que ambos manifestam proximidade com as teorias platónicas como aquelas que podem permitir uma boa compreensão do cristianismo; e dada a importância das posições anti-maniqueístas de Nebrídio no período que antecede a conversão de Agostinho ao cristianismo, o conteúdo destas cartas evidencia aspetos da interpretação platónica do cristianismo levada a efeito por Agostinho nos primeiros anos após a sua conversão e permite verificar a emergência de uns primeiros passos na construção da *vera religio* ou *vera philosophia*, presente sobretudo nos seus primeiros escritos filosóficos: desde os Diálogos de Cassiciaco, que nesta carta, implicitamente são referidos como tendo sido lidos por Nebrídio, especialmente aos seus *Solilóquios*, a que aqui faz referência, ao escrito sobre *A verdadeira religião* que escreve já em África, nos anos em que troca as últimas cartas com Nebrídio.

A reconstrução do itinerário de amizade entre Nebrídio e Agostinho foi descrita detalhadamente por Serge Lancel, razão pela qual remetemos para o seu estudo a leitura de uma descrição pormenorizada do percurso

de ambos³. Realçamos aqui, desse itinerário, a grande amizade que unia Nebrídio a Agostinho que, com Alípio, constituía o núcleo de maior proximidade de partilha de inquietações intelectuais e de projetos de vida. Através da reconstituição do ciclo de amizades e de relacionamentos de Agostinho no designado primeiro período romano e nos tempos de Milão – seja, no período anterior à sua conversão – é possível verificar que o futuro bispo de Hipona estava rodeado de um conjunto considerável de seus conterrâneos, africanos de origem, a que se foram juntando outras amizades, forjadas já em solo itálico entre as quais se contam personagens ocupando cargos de relevo na administração romana.

Quanto a Nebrídio, a amizade entre ambos procedia dos tempos de *rector* em Cartago. Estando Agostinho em Milão, Nebrídio vem ao seu encontro e, embora, pela sua origem e condição, não precisasse de trabalhar para seu sustento, coloca-se por amizade ao serviço de Verecundo, o qual tinha nessa cidade uma escola de retórica. É a sua ocupação nesta tarefa que o impede de partilhar com Agostinho os dias do ócio em liberdade vivido em Cassiciaco, precisamente na Quinta de Verecundo. De facto, é a amizade profunda que une Nebrídio a Agostinho, e a frequente separação geográfica, que está na origem desta troca epistolar. Agostinho que, antes da conversão, fora incentivado pelos argumentos de Nebrídio contra os maniqueus, à reflexão sobre a verdade daquelas doutrinas, é agora solicitado sobre tantas questões que invadem o espírito inquieto do seu amigo africano, e para as quais ele próprio, Agostinho, não encontra, tantas vezes, resposta cabal. De regresso a África, Nebrídio regressará a Cartago, onde vive com a sua mãe, enquanto Agostinho permanece em Tagaste, na comunidade de vida em estilo monástico, que constituía na propriedade de seus pais. A troca epistolar com Nebrídio intensifica-se neste período e por ela vimos a saber que Nebrídio tem dificuldade em visitar Agostinho, pois a sua saúde era frágil, não lhe sendo recomendado deslocar-se a Tagaste. Por sua vez, Agostinho encontra contingências à sua deslocação a Cartago, precisamente pelas responsabilidades assumidas na comunidade que encabeça. De facto, a Carta 14 é a última que se conhece desta troca epistolar, sendo por isso de deduzir que Nebrídio terá chegado ao limite

³ S. LANCEL, *Saint Augustin*, Librairie Arthème Fayard, Paris 1999. Ver principalmente pp. 101-102; 114-116; 191-194.

dos seus dias cerca do ano 390. A propósito do seu passamento, Agostinho escreve belíssimas palavras, nas *Confissões*:

Não muito depois da nossa conversão e regeneração pelo teu baptismo, também ele mesmo fiel católico, servindo-te em África junto dos seus, em castidade perfeita e continência, tendo-se tornado cristã toda a sua casa por influência sua, tu libertaste-o da carne. E agora ele vive no seio de Abraão. Seja o que for aquilo que é designado por ‘seio de Abraão’, aí vive o meu Nebrídio, meu doce amigo, mas, Senhor, de liberto tornado teu filho adoptivo: aí vive. Pois que outro lugar haverá para uma alma como a dele? Aí vive, no lugar acerca do qual me perguntava muitas coisas, a mim, pobre homem inexperiente. Já não aproxima o seu ouvido da minha boca, mas sim a sua boca espiritual da tua fonte, e bebe, quanto é capaz, a sabedoria, na medida da sua avidez, numa felicidade sem fim. E não creio que ele se deixe inebriar por ela a ponto de se esquecer de mim, quando tu, Senhor, que ele bebe, te lembras de nós⁴.

Assim evidencia Agostinho o estado de perfeição humana e espiritual que caracterizava este seu amigo, sublinhando que Nebrídio era de facto um espírito sempre em busca da sabedoria. No caso da Carta 3, e quanto ao seu conteúdo doutrinal, evidenciam-se algumas questões filosóficas, aqui apresentadas como objeto da reflexão de Agostinho, suscitada pelas questões de Nebrídio. Agostinho reflete nelas, consigo mesmo, a partir da carta que recebera de Nebrídio. Por isso, a sua reflexão não assume um estilo argumentativo, mas o de uma meditação silenciosa, onde os grandes temas aparecem praticamente apenas enunciados. Entre estas questões evidenciam-se: i) a consideração de que a verdadeira felicidade reside na posse dos bens inteligíveis, e não na dos sensíveis, sendo a distinção destes dois mundos aqui apresentada com base na distinção entre números sensíveis e números inteligíveis, de influência neopitagórica; ii) a perplexidade quanto à natureza infinitamente divisível dos corpos e à sua compreensão a partir do uno inteligível; iii) função destas perplexidades como ascese da mente para o inteligível; iv) a referência à definição de beleza encontrada em Cícero, segundo a qual esta é a congruência das partes com um certo agrado da cor; v) a compreensão da estrutura humana a partir da hierarquia entre o corpo, o

⁴ SANTO AGOSTINHO, *Confissões*, trad. Arnaldo Espírito Santo, João Beato e Maria Cristina de Castro Pimentel, INCM, Lisboa 2000, IX, IV, 6, pp. 383-385.

espírito e a mente; vi) a reflexão sobre a imortalidade da alma; finalmente, vii) a apresentação, a Nebrídio, de um conjunto de dúvidas sobre gramática, solicitando esclarecimento.

Tradução

CARTA 3⁵

Agostinho a Nebrídio

1. Não é certo para mim se hei de considerar aquele teu não sei que «brandilóquio», para lhe chamar de algum modo, ou se de facto as coisas são assim: na verdade, ocorreu repentinamente e ainda não tive tempo suficiente para refletir até que ponto se lhe deve dar crédito. Tu esperas saber de que se trata. Que pensas? Quase me convenceste, não de que sou feliz (uma vez que um tal bem só é possuído pelo sábio), mas certamente como se o fosse: tal como dizemos que alguém é «como que homem», comparando-o com aquele homem que Platão conhecera; ou como dizemos «é como que redonda», o «como que quadrada» referindo as coisas que o espírito vê, embora estejam muito afastadas daquelas realidades que o espírito de uns poucos é capaz de ver. Li de facto a tua carta à luz da lanterna, quando já tinha jantado. Esta próximo o momento de me deitar, mas não de dormir: e de facto, deitado no leito, refleti longamente comigo mesmo e tive este diálogo, eu, Agostinho, com o próprio Agostinho: Será de facto verdade o que pensa Nebrídio, que somos felizes? Certamente que não. Pois de facto nem ele próprio ousará negar que ainda somos ignorantes. E se acontecesse que também aos estultos pudesse caber uma vida feliz? É difícil: como se a estultícia fosse pouca infelicidade ou como se pudesse haver outra infelicidade além desta! Portanto, de onde lhe veio que isto lhe tivesse parecido? Porventura será porque, tendo lido aqueles meus livros, ousou acreditar

⁵ Texto latino reproduzido no *Corpus Scriptorum Ecclesiasticorum Latinorum* - CSEL 34/1 (ed. A. Goldbacher) Windibonae, 1895, pp. 4-9. Edição Latina PL 33, 63-63 disponível em <http://www.augustinus.it/latino/lettere/index2.htm> (acedido em 01/10/2014).

que também eu fosse sábio? A alegria, mesmo que refreada, não poderia ser tão temerária, principalmente vinda de alguém que bem sabemos com quanta ponderação procede nas suas considerações! Portanto, é assim: escreveu o que pensava que me daria prazer, uma vez que também a ele lhe deu prazer tudo o que eu coloquei nesse escrito⁶. Escreveu na alegria e não prestou atenção àquilo que um estilete, afetado pela alegria, deveria escrever. E se lesse os *Soliloquia*? Alegrar-se-ia de modo muito mais exuberante e contudo não encontraria um adjetivo mais elevado para me atribuir do que o de «feliz». Portanto, teve demasiada pressa em guardar para mim um nome tão elevado, e não reservou nada mais alto para me atribuir quando se alegrasse ainda mais. Vede o que faz a alegria!

2. Mas onde está esta felicidade? Onde, em que lugar? Oh, se ela estivesse no abandono dos átomos de Epicuro! Oh, se ela consiste em saber que aqui em baixo nada há além do mundo! Oh, se consistisse em saber que o extremo de uma esfera roda mais lentamente do que o seu centro! E outras coisas semelhantes, que conhecemos de modo semelhante. Agora, de que modo e até que ponto posso eu ser feliz, eu que ignoro por que razão o mundo tem esta dimensão, uma vez que as razões das figuras pelas quais ele existe em nada lhe proibem de ser maior? Ou de que modo não se me dirá antes que não estaremos nós obrigados a admitir que os corpos são divisíveis ao infinito, a tal ponto que não será possível alcançar como que um número exato de corpúsculos numa determinada quantidade? E, quando não se admita que existe um corpo que é o mais pequenos possível, de que modo poderemos admitir que existe um absolutamente grande, a tal ponto que não possa existir um maior? A não ser talvez que tenha pouco valor aquilo que uma vez disse, absolutamente em segredo, a Alípio: que o número inteligível cresce infinitamente, e contudo não decresce infinitamente (pois de facto não é possível dividi-lo para além da mónada); inversamente, o número sensível (e de facto que outra coisa é o número sensível, a não ser o dos corpos, quer dizer, a quantidade dos corpos?) pode diminuir infinitamente, mas não pode crescer infinitamente. E por isso talvez com razão os filósofos colocam a riqueza nas coisas inteligíveis e a indigência nas sensíveis. Pois de facto que coisa é mais miserável do que poder

⁶ Refere-se ao *De ordine* de que enviara uma cópia a Nebrídio, ausente de Cassiciaco.

tornar-se sempre mais e mais pequeno? E que maior riqueza haverá do que crescer quanto se quiser, andar por onde se quiser, regressar quando se quiser e até onde se quiser, e amar imensamente aquilo que não pode diminuir? Na verdade, aquele que entende estes números, nada ama tanto quanto a mónada. E isso não é de admirar, dado que é por meio dela que chega a amar todos os demais. Mas por que razão o mundo é do tamanho que é? Poderia de facto ser maior ou mais pequeno. Não sei: ele de facto é como é. E por que razão está aqui, em vez de noutro lugar? E também não se deverá perguntar sobre isto, pois teríamos que perguntar acerca de posição de tudo o que é. Só me perturbava muito aquela questão, acerca de as realidades corpóreas serem infinitamente divisíveis. E talvez a isto se tenha respondido com a propriedade contrária do número inteligível.

3. Mas espera. Vejamos o que é esta não sei que coisa que me veio em mente. Certamente se diz que o mundo sensível é imagem de não sei que mundo inteligível. Mas é de admirar que vejamos em imagens refletidas no espelho: pois por maiores que sejam os espelhos, não tornam as imagens maiores do que os corpos que lhes estão diante, mesmo que sejam muito pequenos. Pelo contrário, nos espelhos pequenos, tal como nas pupilas dos olhos, mesmo que se se lhes ponha diante uma coisa grande, forma-se uma imagem pequeníssima, adequada à medida do espelho. Portanto, é possível diminuir as imagens dos corpos, se os espelhos forem mais pequenos; mas, se forem maiores, não se podem aumentar. Aqui de certeza que se oculta alguma coisa; mas agora é necessário dormir. E de facto não é procurando que pareço a Nebrídio que sou feliz, mas talvez encontrando alguma coisa. E esse alguma coisa, que será? Será porventura aquele raciocínio no qual me costumo comprazer comigo mesmo e no qual me deleito abundantemente?

4. De onde somos formados? De espírito e corpo. Qual deles é melhor? O espírito, evidentemente. E o que é que se louva no corpo? Não me parece que seja outra coisa, a não ser a beleza. E o que é a beleza do corpo? A congruência das partes com um certo agrado da cor. E esta forma é melhor onde é verdadeira ou onde é falsa? Quem duvidará que é melhor onde é verdadeira? E onde é que ela é verdadeira? Certamente que o é no espírito. Portanto o espírito deve amar-se mais do que o corpo. Mas em que parte do espírito está esta verdade? Na mente e na inteligência. E o que é que se lhe opõe? Os sentidos. Portanto, deve resistir-se aos sentidos com todas as forças do espírito? Certamente. E se

as coisas sensíveis deleitem excessivamente? Far-se-á de modo a que não deleitem. E como se fará isso? Criando o hábito de prescindir destas coisas e de desejar as melhores. E o que acontecerá se o espírito morrer? Então, também a verdade morre, ou a inteligência e a verdade não se identificam, ou talvez que a inteligência não esteja assente na alma, ou então poderá morrer alguma coisa na qual tem a sua sede também algo que é imortal. Mas que nenhuma destas coisas possa acontecer, já o disse nos meus *Solilóquios* e ficou suficientemente demonstrado. Mas por não sei que hábito que temos com o mal ficamos aterrados e titubeantes. Finalmente, se o espírito também está sujeito à morte, coisa que vejo que é completamente impossível, já foi suficientemente debatido neste período de repouso, que a vida feliz não consiste no prazer das coisas sensíveis. Talvez por estas e por outras razões pude parecer ao meu Nebrídio não feliz, mas como que feliz. Também tu o poderás parecer a mim: que coisa se perderá ou por que razão deverei recusar a boa estima? Isto foi o que disse a mim mesmo. Depois, como costumava fazer, pus-me a rezar e adormeci.

5. Isto foi o que me agradou escrever-te. Na verdade, deleita-me que me agradeças o facto de não te deixar em segredo nada do que me vem à boca e alegro-me por assim te agradar. Portanto, junto de quem terei maior prazer em ser ignorante do que junto daquele a quem não posso desagradar? E se estiver em poder da fortuna que o homem ame outro homem, repara como sou afortunado eu que me alegro tanto com os favores da fortuna, e, devo confessar, que desejo que tais bens se me aumentem copiosamente. Porém, os sábios bons e absolutamente verdadeiros, que são os únicos a quem é permitido chamar sábios, não quiseram nem temer a fortuna, nem desejá-la. *Cupi* ou *cupiri*, tu verás. E isto aconteceu oportunamente. Na verdade quero que me dês a conhecer claramente a declinação desta palavra. Porque quando conjugo este tipo de verbos fico indeciso. Na verdade, *cupio* é como *fugio*, como *sapio*, como *iacio*, como *capio*. Mas ignoro se no infinitivo se diz *fugiri* ou *fugi*, se *sapiri* ou *sapi*. Poderia tender para *iaci* e *capi*, se não temesse depois ser apanhado ou lançado ao capricho do que me quisesse convencer que uma coisa é *iactum* e *captum* e outra *fugitum*, *cupitum*, *sapitum*. E ignoro igualmente se estas três últimas se devem pronunciar com a penúltima longa e acentuada, ou não acentuada e breve. Convidar-te-ia a escrever uma carta mais longa e assim a solicito para que te possa ler por um pouco

mais de tempo. Na verdade, não sou capaz de te dizer o prazer que me dá ler as tuas cartas.